



Medalha de bronze nos 200m, homem mais rápido do mundo deixa área de competição em cadeira de rodas. Noah Lyles sofre efeitos após covid-19

# Dramas americanos na capital francesa

Kirill Kudryavtsev/AFP



Campeão olímpico e mundial dos 100m, Noah Lyles causou comoção com imagem fragilizada ao fim de mais uma prova no Stade de France

VICTOR PARRINI  
ENVIADO ESPECIAL

**S**aint-Denis — Homem mais rápido do mundo e campeão olímpico dos 100m rasos no domingo (4/8), com 9s79, o estadunidense Noah Lyles precisou de cadeiras de rodas para deixar a pista de atletismo do Stade de France, após a conquista do bronze na prova dos 200m, ontem.

A exaustão do maior velocista da atualidade foi provocada por sequelas de covid-19 e tem como agravante um histórico de asma. A soma dos fatores levou o medalhista de ouro e de bronze nos Jogos de Paris-2024 a se deitar na pista imediatamente após cruzar a linha de chegada. Ele foi socorrido por profissionais que portavam máscaras de oxigênio, aparentemente não utilizadas. Lyles, porém, recorreu à cadeira de rodas para se dirigir à área interna do Stade de France antes da cerimônia de premiação.

Na zona mista da arena francesa, Lyles usava máscara preta e confirmou o diagnóstico positivo para covid-19 dois dias antes da prova dos 200m, especialidade dele. "Sim, de fato, a covid-19

**19s46** Tempo de Letsile Tebogo, de Botsuana, vencedor dos 200m rasos

"Sim, de fato, a covid-19 me afetou. Senti-me abaixo"

Noah Lyles, velocista dos EUA

me afetou. Senti-me abaixo", disse aos jornalistas. Os Jogos de Paris-2024 são simbólicos por serem o primeiro aberto ao público depois da pandemia. Porém, o cenário não é tão bom quanto se imaginava. Segundo representante da Organização Mundial de Saúde (OMS), pelo menos 40 atletas foram infectados pelo vírus. Os casos são reflexos do aumento do contágio pelo mundo.

Apesar do drama, Lyles parecia bem antes da largada para a prova dos 200m. Foi ovacionado pela torcida e fez o tradicional show com gestos e

danças para criar atmosfera favorável. Competiu bem, mas viu Letsile Tebogo, de Botsuana, levar o ouro, com 19s46, e o compatriota Kenneth Bednarek faturar a prata (19s62). Lyles cruzou a linha de chegada após 19s70.

Esta é a segunda participação de Lyles em Jogos Olímpicos. Natural da cidade de Gainesville, na Flórida, vem de uma linhagem de amantes do esporte. Iniciou a trajetória aos 12 anos, inspirado em Usain Bolt. Com 1,80m de altura, Lyles é o homem mais veloz do mundo na atualidade e principal candidato a quebrar recordes do ídolo.

Nos 100m, o jamaicano estabeleceu a melhor marca mundial de 9s58 em 16 de agosto de 2009, em Berlim. Três anos depois, desafiou concorrentes com o recorde olímpico de 9s63, em Londres-2012.

Lyles trilha caminho para também se consolidar como um dos grandes nomes do atletismo. Na edição de Tóquio-2020, conquistou o bronze dos 200m. Três anos depois, reina nos 100m. As conquistas reforçam o status de fenômeno adquirido nos últimos anos. Emplacou quatro conquistas da Diamond League e seis do Mundial de Atletismo. Os mais importantes, em 2023, quando monopolizou os ouros dos 100m, 200m e revezamento 4x100m. Até então, o único que havia obtido a façanha era Usain Bolt, em 2015.

No domingo, após a conquista do ouro nos 100m rasos, Lyles postou um texto no X, antigo Twitter, para celebrar a vitória e compartilhar antigos problemas de saúde. "Eu tenho asma, alergias, dislexia, TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade) e depressão. Mas eu vou te dizer que o que você tem não define o que você pode se tornar", publicou.



Stephen Curry, cestinha da partida, foi festejado por LeBron James após confirmação de vaga na grande final

## Dream Team quase sofre um pesadelo

ARTHUR RIBEIRO\*

Em poucas modalidades olímpicas um país é tão favorito para ser finalista quanto os Estados Unidos no basquete, ainda mais com a introdução dos jogadores da NBA no torneio. Desde Barcelona-1992, quando surgiu o primeiro Dream Team para vingar a derrota contra os soviéticos na edição anterior, os estadunidenses venceram o ouro em sete ocasiões e só não ganharam em 2004, quando foram eliminados pela Argentina na semifinal. Vinte anos depois, o sonho por pouco não virou pesadelo novamente, não fossem os craques aparecerem quando mais precisava: 36 pontos de Stephen Curry, triplo-duplo de LeBron James e vitória de virada por 95 x 91 contra a Sérvia de Nikola Jokic, ontem, para garantir um lugar no pódio.

A seleção dos EUA flertou muito com a derrota. Após o placar desde o começo do jogo, os comandados pelo técnico Steve Kerr perderam os três quartos iniciais e começaram o último atrás por 13 pontos, mas foi então que a situação mudou. LeBron, que "convocou" os colegas de NBA para representar o país em Paris-2024 após vexames consecutivos na Copa do Mundo, somou 16 pontos, 12 rebotes e 10 assistências. Cestinha do jogo, Curry, na primeira Olimpíada da carreira, ficou a um ponto de quebrar o recorde estadunidense em Jogos. E

o "reforço" Joel Embiid, natural de Camarões, fez mais 19, mesmo vaiado pelas arquibancadas pela recusa em escolher representar os franceses.

A performance foi suficiente para fazer 32 x 15 na última parcial, a maior virada dos Estados Unidos desde a introdução dos jogadores da NBA, e chegar a mais uma final, novamente contra a França, mas desta vez na casa do rival. O confronto é uma reedição da decisão de Tóquio-2020, vencida pelo time do Tio Sam com 27 pontos de Kevin Durant, outra estrela que faz parte do elenco deste ano e se tornou o atleta com mais pontos pela seleção, com 503. No recorte individual, ele pode se tornar o primeiro jogador com quatro medalhas de ouro no basquete.

A partida valendo o topo do pódio, marcada para às 16h30 de sábado, é especial para os dois lados. O tempero é de revanche para Les Bleus, liderados pelo jovem Victor Wembanyama e que conquistaram a vaga ao eliminar a atual campeã mundial Alemanha. Se vencerem, dariam a sétima derrota dos norte-americanos nas Olimpíadas, a quinta desde a introdução dos atletas da NBA. Do outro lado, a busca é por hegemonia para os Estados Unidos, medalhistas em todas as 20 participações nos Jogos, e de missão cumprida para LeBron James e companhia: o quinto ouro consecutivo.

\* Estagiário sob a supervisão de Fernando Brito

## O lado sombrio da Cidade Luz

JOÃO VÍTOR MARQUES  
ENVIADO ESPECIAL

**Paris** — Monumentos históricos, efervescência cultural e turistas boquiabertos em um ambiente mágico. A Paris cinematográfica impressiona e se faz real para quem se aventura nas belíssimas ruas centrais, arborizadas e especialmente bem cuidadas durante os Jogos Olímpicos. Mas, a 13 quilômetros da Torre Eiffel, o cenário é bem diferente.

A menos de 500 metros do palco da maioria das provas do atletismo na Olimpíada, fica uma das regiões mais pobres da França, em Saint-Denis. Por lá, pessoas em situação de rua —

afastadas dos pontos turísticos durante os Jogos —, lixo jogado no chão e construções bem mais modestas compõem o cenário que envolve o Stade de France.

Não se pode dizer que se pareça tanto com as zonas pobres do Brasil. As ruas têm uma roupagem mais organizada, com praças e opções de lazer nas redondezas. Desde meados do século 19, Saint-Denis recebeu grandes contingentes de imigrantes. À época, milhares de britânicos escolheram a região para fixar residência. Ao longo dos anos, a área passou a ser ocupada por trabalhadores de outras nacionalidades, muitos vindos de países árabes e da África subsaariana.

Leandro Couri/Estado de Minas/D.A. Press



Zona de imigrantes é caracterizada por apartamentos estreitos

Foi quando o acúmulo populacional, em um contexto economicamente desfavorável e preconceituoso contra imigrantes, resultou na construção de apartamentos estreitos e, em

casos extremos, de barracões instalados debaixo de pontes e viadutos. Estima-se que um terço dos 1,6 milhão de habitantes da região vivam abaixo da linha da pobreza.

Durante a caminhada pelo local, são poucas as menções aos Jogos Olímpicos ou às estrelas que batem recordes no Stade de France. Durante a tarde, um mercado expõe bandeiras de países como Catar, Arábia Saudita, Bahrein e Brunei, que se misturam às europeias. Uns passos atrás, um bar vazio exhibe o jogo entre EUA e Alemanha, pela semifinal do torneio feminino de futebol. Do outro lado da rua, uma mulher vestida com hijab (tradicional veste árabe que cobre o cabelo e parte do rosto) revira o lixo.

Situações como essa se concentram em Saint-Denis, especialmente no Boulevard Ney, mas não são exclusividade da região. A partir da segunda semana dos Jogos, foi possível ver mais pessoas em situação de rua ou pedindo dinheiro em outras par-

tes da cidade, como em Levallois. Naquela área, o camaronês Dassy Toussaint explica que o preço dos ingressos impede alguns de irem aos Jogos. "Não é fácil. Para os franceses, já é caro", conta, em poucas palavras.

Em Saint-Denis, a proximidade da zona olímpica faz aumentar a esperança de retirar os estigmas sobre a região, que respira esporte. Por lá, é comum ver crianças jogando futebol, basquete e outras modalidades nas ruas. "A questão é como transformar zonas aonde ninguém pode ir em zonas em que as pessoas sejam bem-vindas. Os Jogos são uma oportunidade incrível de mudar nossa imagem e aumentar a igualdade social na cidade", declarou o prefeito de Saint-Denis, o socialista Mathieu Hanotin.